

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 13

Parte Litteraria

Divagações ácerca do Poema Épico.

O poema épico é sem duvida alguma a elevação da poesia.

Contar as acções illustres e as empresas inclytas, descrever esses sentimentos que nobilitão o homem e esses factos prodigiosos que o cobrem de gloria, narrar em phrases graves, éticas ou patheticas a historia tendo sempre em vista a unidade, o desenvolvimento dos episodios sublimes em vocabulos que possuão atrahir e seduzir tal é sua missão.

O poema simplesmente é já um ponto de bellezas, ahi ou no sublime ou no ridiculo póde-se comparar a gravidade do assumpto e medir-se os costumes e os habitos da Humanidade, ahi transluz o sentimentalismo ou as baixas paixões, lisonjêa-se o merito ou estigmatiza-se o vicio. Porisso se o poema didactico produz por meios indirectos e brandos o moralidade e nós concede o deleite e a instrução, o poema épico mui superior a este manifesta-se o espelho, onde reflectem as grandes acções ou empresas, e, se o poema lyrico collocado á disposição caprichosa do poeta que o amolda e compõe como entende, não é menos agradavel e nem tão pouco deixa de ser considerado um elemento de harmonias, o poema épico por mil razões todas ellas razoaveis, merece mais importancia já porque o seu assumpto é mais vasto, já por ser mais maravilhoso seu plano.

Da asserção que enunciã.m.s hão todos os povos se conven-

Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

VI

O miseravel salteador e o miseravel plutocrata.

(Continuação do numero antecedente)

Seuthro entrou na sala com um desembaraço sem igual, dirigio-se para o conde de Feutry, que erguia-se de um salto do divan, e, comprimtando-o, disse:

— Sr. conde, é com immenso jubilo que tenho a honra de vêr em vós o filho de meu honradissimo amigo. Chamo-me o conde de Krank e sahi de Paris dois dias depois que vosso pai foi assassinado.

— Sentai-vos, Sr. conde, disse Feutry.

— Senhor, não foi só o desejo de vêr o meu amigo, que aqui me trouxe; porem negocios tão importantes para vós como para mim impellirão-me até vós, e esses negocios requerem só de per si que eu falle á sós comvosco.

— Estou ás vossas ordens, disse Feutry.

Seuthro encurzou as pernas, alison os bigodes, e depois de lançar um olhar em redor de si, começou:

— Amais com violencia a Sophia de Desat?

Feutry arregalou os olhos e não respondeu.

cido e bem rara é a nação que não tenha em suas paginas um poema — que narre os seus factos dignos de admiração, sua pro genie mais ou menos theogonica, mais ou menos civada de mythologicas ficções, que lembre esses acontecimentos amourosos ou guerreiros, que celebre as grandes paixões que actúão no senso intimo dos homens, que desenvolvem ou entorpecem sua sensibilidade.

A India depois dos *Veddas* tem o *Mahâ-Bhârata*, traduzido por Wilkins e o Barão de Humboldt, e apoz este vem ainda as *legendas épicas* dos Pourânas.

O Afghanistan teve um poeta, Khoushâl que no seu poema *D'Aurengzeb* excitou seus patriotas a defender sua independencia, e ao mesmo tempo observando-lhes que se mantivessem unidos e em harmonia.

A *Illiada* é um primicerio; porém o poema de Koushâl não está mui inferior.

Ha um argumento que nós convence da utilidade dos poemas épicos, que é o seguinte: É sempre nas occasiões em que o povo se manifesta mais heroico e fora dos conviveres antigos, é sempre no exaltamento das individualidades que a epopéa surge como um monumento predestinado a conservar essas grandezas de instantes, que assim como são immensas tambem são as mais proprias a esquecer-se.

A Persia teve grandes poetas como: Roudégui, Belami, Khacani e entre os modernos Djâlal-Eddin o celebre auctor da *Collecção de disticos* e Hosein Vaes o insigne traductor do livro de Calila e Dimma, a que elle chamou *Anwari-Schaili*;

— Senhor, de vós depende o desfecho, respondi.

— Amo e porque?

— Porque não sois amado; porque tendes um rival que vos supera e porque em breve Sophia será esposa d'outro, disse Seuthro com uma voz tão fúnebre como o tanger da trombeta do anjo no valle de Josaphat.

Feutry ergueu-se como um tigre com os labios entre-abertos e os olhos esbugalhados.

— Mentis senhor! exclamou elle.

— Senhor conde; quando um homem como eu vem a vossa casa não é para mentir, nem tão pouco para trazer-vos a desgraça.

— Senão mentis, desgraçai-me senhor, exclamou Feutry.

— Não minto; porque nas minhas veias corre sangue tão preclaro como o vosso, que me impede de faltar á verdade; não sou portador da desgraça, porque divorciei-me com ella desde a mocidade, e tenho por guia a felicidade. Se aqui vim era para agradar-vos, era para dizer-vos como estou dizendo: *Não sois amado; mas o podeis ser, e tendes um rival, poderoso como um elephante; mas podeis derrubal-o como uma formiga.*

— Que pois sois capaz d'isto tudo?

— Feutry, sois uma criança e não sabeis que sou impellido pela vingança e pelo desejo insaciavel de ver derrubado o meu inimigo? Vosso rival é o duque de Niemen, a quem aborreço.

— O duque de Niemen! disse tremendo Feutry

— Sim é elle mesmo, e porque tremeis?

— Mas como derrubareis um homem, que goza de tanto conceito?

(Continúa.)

porém entre tantos vates só Ferdousi escreveu a magestosa épopeia *Schah-Namech*, que mereceu os elogios de Walter-Scott e William-Jones e que contém uma narração de factos comprehendendo o periodo de 3700 annos.

Esta epopeia é tão épica como a *Pharsalia* de Lucano, e como a *Illiada* de Homero.

Quem o diz é M. Luiz Dubeux, auctoridade bastantemente illustre.

É certo que as narrativas do poema são désordenadas e confusas, os episodios embaraçados porém em todo caso é melhor do que a *Confederação dos Tamoyos*. Na épopeia persa não ha ao menos o terrivel neologismo de phrases onomatopaicas, nem tão pouco o pensamento ou o forma são carunchosas copias de ricos originaes.

Nós assim nós manifestámos não só porque tivemos a felicidade de ler alguns cantos d'essa gigantesca épopeia, como tambem porque antes de nós os criticos abalisados havião tecido um anadema ás concepções soberbas de Ferdousi.

Além d'isto só o pouco adiantamento da epocha é mais uma prova e um documento em prol do nosso juizo; porque entre Ferdousi e o auctor da *Confederação das Tamoyos* ha mais de um vacuo, vacuo preenchido no decorrer dos tempos pela progressibilidade.

Quando equipâramos o poema persa com a *Confederação dos Tamoyos*, foi pelo motivo de que tanto n'um como n'outro existem narrativas mal encadêadas, a hyperbole exagerada, o individualismo absorvendo o universal, uma paixão má servindo de base, irregularidades no narrar e defeitos na linguagem.

Havendo explicado a plausibilidade do nosso pararello, vamos ainda viajar por mais alguns paizes e encontrar em cada um d'elles mais um testemunho em prol de nossas idéas.

Major. — *Continúa.*

O Suicida

Uma historia

(Vide o n. 10.)

Impellido pelas pavorosas e horriveis furias de Archeron-te até as bordas do abismo, furioso, e como contaminado por aquelles demonios encaminha a mão livida para um dos bolsos interiores do paletôt apodera-se de uma pequena caixa que ali havia mettido, abre-a cuidadosamente; um jogo de pistolas bem dispostas é o que contem. Lança mão d'uma, examina-a minuciosamente, e depois de se certificar que estava carregada, ergue-a convulsivamente na sua dextra até a altura do peito descarrega o instrumento mortifero contra o coração!!

O estampido do tiro vai, com a velocidade do raio ferindo a solidão da noite repercutir-se na margem opposta do regato que corria docemente á margem esquerda do bosque, enquanto que o corpo do desventurado já cadaver cahia instantaneamente sobre borbutões de espumante sangue de que já estava o chão alastrado!..

Arquejante o miserando, estorcendo-se naquelle sanguineo leite, cubrio-se-lhe ephemeramente o rosto da pallidez da morte, cerrou-selhe eternamente as palpebras, e ali jazeu

até o outro dia inanimado, quando mãos caridosas o conduzirão ao cemiterio d'Aldeia, que poucas braças distava daquelle sanguinolento lugar.

Aquella terra, que fora o seu berço de infancia, apodera-se da parte material d'este seu filho, que por direito lhe cabia, enquanto que o espirito, caminha incensantemente á esmo, pelas regiões infinitas que povoão o espaço!...

FIM.

J. P. F.

Parte Recreativa

Primeira appareição do tio Beaventura das Necessidades.

Ainda uma vez sou forçado a sahir do meu tugurio para dar um passeio n'essa boa cidade do Rio de Janeiro, ainda uma vez abandono meus cajueiros deliciosos, meus tenros carneiros, meus prazeres frugaes e a lyra pastoril para embaralhar-me por entre uma chusma de balões, jornalistas, empreiteiros de obra e engraxadores, ainda uma vez esqueço-me dos meus petiscos á campestre para n'essa boa cidade ir saborear o apimentado das poesias, o adubado dos dramas, e o perfume das flores mimosas que as são mulheres.

Curioso como um roçeiro e investigador como qualquer que ha lido e relido a Historia de Carlos Magno, comecei a visitar todas essas boas cousas e rente como pão quente metti-me por tudo para de tudo ter noticia, procurei lobrigar a *Diva* e arregalando os olhos, fiquei babado como uma velha octogenaria e sem dentes, e para mal de meus peccados confesso que fiquei entorpecido com aquelle perfil tão ideal a ponto de fechar os olhos como os meninos na cabra-céga e lembrar-me da tia Maria (em que Deus falle) que passava por uma galharda idealidade na preparação de bons quitutes como sejam angú, etc.

Li o primeiro numero do *Genio*, não desgostei dos artiguinhos, porem um d'elles assignado não me lembro por quem está muito bom. Falla sobre a *formosura* e diz justamente o que disse o padre Vieira.

Desconfiando a igualdade de pensamento, procurei as obras do distincto orador, e em um sermão de Santa Iria, part. 6.^a n.º 316 e nos *Lugares Selectos* de Cardozo, pag. 144 esbarrei com o supradito artigo. Foi então que percebi: Era um moço ou litterato que desejando ver seu nome n'um jornal, chrisinou um artigo depois de mudar algumas phrases e apresentou-o como seu.

Talvez que ninguem dê pela cousa? disse comsigo o novo inventor de artigos.

Enganou-se, porque dei eu, em um passeio, que fiz lá para as bandas dos *Atoleiros*, e deu com a fotrica um poeta que neste mundo vaga.

Ah! Meu menino melhor vida!!!

Em seguida como sempre desde a meninice amei o theatro e até já fiz o papel mudo de soldado n'uma comedia, e como tinha uns cobritos-fructos dos fructos da minha quinta ou sitio, comprei uma comedia intitulada — *O mundo é assim*,

comprei n'uma laverna uma caixa de phosphoros, uns charutos e dirigi-me para a casa de meu compadre farinheiro. Assentei-me em uns saccos de milho e encetei a leitura do *mundo é assim*.

Juro por meus botões e pela minha banda de primeiro sargento que no fim da leitura estava abysmado, e eu abysmado! Eu que lêra quieto os contos de Hoffmann, as bernardices de Gil-Braz e que principiára e acabára os poemas dos Luziadas e D. Jaime, fiquei em jejum a respeito do que quer dizer o tal *mundo é assim*, e logo de mim para mim fiz essas observações que não são rusticas e que mostram que ainda lembro-me dos estudos, que fiz em bons tempos no Seminario de Mariana.

O *mundo é assim* bem podia *assado*; isto é ter ter a carne mais limpa, mais adubada, bem podia ser de um boi mais nédio; porque esta tem um cheirito de podre, (salvo se é hoje uso dar-se aos leitores pellancas litterarias) e deita um cheirume de ordinaria.

O *mundo é assim* não tem um só requisito necessario a comedia, é uma especie de tronco roído pelos carunchos a quem ainda chama-se arvore, é um parasita enlaçando-se nas algibeiras dos leitores, e, segundo meu modo de entender, de comedia tem o epitheto. Foi assim baptisada essa producção, onde o ridiculo salta por todos os lados quer quanto a arte quer quanto a ideia!!!

A linguagem d'um caipira é mais agradável do que o tal estylo da comedia.

Perdi o meu tempo que na opinião dos inglezes é dinheiro, antes fosse conversar em vinhas com o afamado Doutor, antes fosse deitar-me no rosmarinho cheirozo que cresce regularmente no Campo de Sant'Anna, porque ahi deleitaria a vista apreciando as nymphas da mythologia antiga lavando roupa, lançaria bons olhos para o Parnazo Provisorio não para namorar as Muzas, porém para cubiçar os bons cobres que ahi gasta-se.

Cabeçudo como sou, fizeram-me assignar umas poezias publicadas sobre o nome de *Esboços poeticos* e derão-me um *Amor e Firmeza*.

Maldita hora em que deixei a solidão dos campos, ali é o irracional que zurre enquanto que na cidade somos obrigados a *apreciar* tanta couza que metteria nojo a um basbaque.

Esboços Poeticos são os fructos amargos da Poezia, ondas turvas e lodozas de rio crystallino, nuvens negras em céu azul; são como esses bezerros magros e doentios filhos de nédias vaccas.

Neste livro de poezias não ha uma conta certa dos defeitos, e irregularidades; defeitos de harmonia, metrificacção e consonancia, são porem versos prozaicos e prozaicos como ovos deteriorados. Ahi a tirar a poezia *Brizas* tem algumas como *Brazil* etc etc que são os gemidos da poezia assassinada.

A critica é de um roceiro, de um roceiro que em flauta pastoril ha cantado os gôzos campestres.

Voltando do theatro de S. Pedro, onde representarão um individuo a quem chrysmarão de Christovão Colombo, deitei-me á luz pallida de um velho candieiro li o *Amor e Firmeza*.

Relógio das sublimidades. chafariz das bellas phrases, rio

das deleitozas scenas, oceano de expressões que encantão, mundo de maravilhas — tal é o juízo que faço do *Amor e Firmeza*.

Os marmoristas devem erguer um mausoléo em honra da escola moderna, os poetas devem cantar nenias pela memoria do *drama* e os devotos devem engrolar um Pater-Noster pelo repouzo eterno de tão apreciabilissima producção.

Repetição das palavras-soffrer e tristeza, enfadonhas scenas, nenhum enrêdo, nenhum estylo, nenhuma composicção e um dictionario de erros e defeitos eis as bellezas do *Amor e Firmeza*.

Um menino de doze annos que se apaixona, um emprego continuo de V. S.^a, (dado a um fedelho por um morgado) uma moça que se apaixona do menino a primeira vista eis as maravilhas de tão heroica *couza dramatica*.

O tio Thomé, um guardador de porcos lá para serra, teria melhores concepções e os artigos de sulphato de ferro tem mais merito.

Já o somno assalta as trincheiras da minha alma, durmo ainda pedindo aos irmãos universaes um elogio ao drama — *oitava maravilha do mundo*.

Tio Boaventura das Necessidades.

Parte Poetica

A ti!...

Emfim, partiste! da minh'alma a essencia,
vôou dos labios ao dizer-te — adeus —
Élos da vida partem-se na ausencia,
e vão depois retemperar-se aos céos.

Mas, não te ver!... errar assim sosinho!...
Que limbo atroz! Senhor, viver sem luz,
sem ar, nem céu... deixando em cada espinho
pedaços d'alma?... é esta a minha cruz?

Martyr d'amor hei-de ir, aniquillado,
Vagar no mundo — eu infeliz e só?
Ha-de a saudade ter-me acorrentado,
vérme sem luz a rastejar no pó?

Filha d'est'alma, vem! reacende a chamma,
Que eu sinto o gelo a regelar-me aqui;
Se de teus olhos me não quenta a flama,
Sinto que morro... morrerei por ti!

Élos da vida, oh, vem! que os parte a ausencia
e vão depois retemperar nos céos...
Mas volta, volta, que dest'alma a essencia,
foge dos labios ao dizer-te — adeus —

Se a saudade, que me rasga o seio,
Ai! diz que a morte no meu peito jaz,
Senhor! deixai-me «satisfaça o anseio
De a ver»... depois, — morrerei em paz!

Léo de Manfredo.

Saudade materna

À minha Mãe

Dei-te o ser: entre carícias
Criei-te no cõllo meu!
Na vida minhas delicias
Erão, filho, um sorrir teu!
(FLORES DO TUMULO) — F. Palha.

Dá-me, ó harpa uns sons divinos,
Um dos teus mais doces hymnos,
Para a canção maternal;
Quero cantar esses dias
Das doiradas alegrias,
D'esse tempo sem igual.

Quero cantar os disvellos,
De minha mãe os anhellos,
No tempo meu de criança:
Quando eu era pequenino
E a seu riso peregrino
Me alentava de esperança.

Foi n'este tempo ditoso,
Para mim tão venturoso,
Que foi feliz meu viver;
Tinha n'alma um p'raiso,
Quando um donoso sorriso,
Via em seus labios nascer.

E ella tão carinhosa
Tão dedicada extremosa
Em seu seio me alentou:
Que por mim noites e dias,
Entre sustos e agonias
Constantemente passou!

Na doce estação da vida
N'essa infancia tão querida,
Em que tudo nos sorri;
Quantas vezes debruçada,
Com a mão na face pousada
Sobre meu berço eu a vi!

Mal de meu somno desperto,
Ou travesso ou descoberto,
Sempre a tive junto a mim;
Velava sobre meu somno
Quando eu em abandono
Dormia um somno sem fim.

Quantas vezes de cansada
Não estava ali postada
Com vontade de dormir:
Ou temendo a minha sorte
Não deixou no seu transporte
Uma lagrima cair.

Eu tranquillo dormitando
Sorrindo e talvez sonhando
Não via assim seu penar;
E ella sempre amorosa,

Sempre boa e carinhosa,
Mil beijos ia-me dar!
Depois cresci, e mais terno,
Era o seu riso materno
Era maior seu amor
Comigo alegre brincava,
Comigo se recreava,
À hora do sol se pôr.

Eu brincava nas campinas
E levava-lhe as boninas
Que colhia em meu folgar;
E ella-mãe extremosa,
Me esperava carinhosa,
Vinha-me a frente beijar.

Então se o sino tocava,
E aos christãos recordava
A hora d'Ave-Maria;
Ella christã e bondosa
Me chamava e carinhosa
Estas fallas me dizia:

— Não ouves, filho querido,
Do sino o som tão sentido
Que está agora a tocar?
Vae guardar os teus brinquedos,
Findarão hoje os folguedos,
Vamos para dentro rezar.

E em frente á virgem adorada
Humildemente prostada
M'ensinava uma oração
Eu, ella balbuciava,
E depois me levantava
Pedindo a sua benção!

Ah! que saudades não tenho
Do meu tempo de creança!
Como hoje me entretenho
Com sua grata lembrança
Foi n'esse tempo d'itoso
Para mim tão venturoso
Que foi feliz meu viver;
Em que eu tinha um paraíso
Quando um donoso sorriso
Via em seus labios nascer.

Dá-me pois harpa querida
Uma canção divinal
Quero vibrar-a sentida
Ao seu amor maternal
Quero dar-lhe de minh'alma
Essa verde-eterna palma
Que trago no coração;
Como saudosa lembrança,
D'esses tempos de criança,
De filial gratidão.

Dias da Silva Junior.